



**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

**Avaliação,
Políticas
e Expansão
da Educação
Brasileira 6**

Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 6 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 6) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-463-4 DOI 10.22533/at.ed.634191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CARACTERÍSTICAS E POSSIBILIDADES DE AÇÕES	
Adriane Sanae Matuo Tacahashi Heloisa Toshie Irie Saito	
DOI 10.22533/at.ed.6341910071	
CAPÍTULO 2	10
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DA CRIANÇA	
Edjôfre Coelho de Oliveira Claudiana Sousa Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6341910072	
CAPÍTULO 3	25
A INTERVENÇÃO MUSICAL COM BEBÊS EM RISCO PSÍQUICO	
Aruna Noal Correa Ana Paula Ramos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6341910073	
CAPÍTULO 4	36
A PRÉ-ESCOLA E A EMENDA 59/09 NO MUNICÍPIO DE ALVORADA/RS	
Mariane Vieira Gonçalves Ana Cláudia Von Wurmb da Silva Vera Dausacker	
DOI 10.22533/at.ed.6341910074	
CAPÍTULO 5	49
BEBÊS EM BERÇÁRIO: EXPLORAÇÃO SONORO-MUSICAL COTIDIANA	
Aruna Noal Correa Cláudia Ribeiro Bellochio	
DOI 10.22533/at.ed.6341910075	
CAPÍTULO 6	59
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO (NO) CORPO – A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO DA MOTRICIDADE NA INFÂNCIA	
Deborah Kramer	
DOI 10.22533/at.ed.6341910076	
CAPÍTULO 7	67
COSTURINHAS: ALINHAVANDO AUTORIAS	
Marcelo Magalhães Foohs Ester Julice dos Santos Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.6341910077	

CAPÍTULO 8	75
ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: UM ESTUDO SOBRE A OFERTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE/PB	
Naara Queiroz de Melo Melânia Mendonça Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6341910078	
CAPÍTULO 9	79
EXPERIÊNCIAS NARRADAS CORPORALMENTE E AS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Luciana Silvia Evangelista Mônica Caldas Ehrenberg	
DOI 10.22533/at.ed.6341910079	
CAPÍTULO 10	95
FIGUEIREDO PIMENTEL: DO NATURALISMO À BIBLIOTHECA INFANTIL	
Soyane da Silva Santos Janahina de Oliveira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.63419100710	
CAPÍTULO 11	105
FILOSOFIA E INFÂNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS	
Williams Nunes da Cunha Junior Dariely Lays Monteiro de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.63419100711	
CAPÍTULO 12	115
MUSICALIZAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA: CRIANÇAS PEQUENINHAS E SUAS EXPLORAÇÕES MUSICAIS	
Maria Cristina Albino Galera Marta Regina Paulo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63419100712	
CAPÍTULO 13	131
O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO, O PNAIC E A NOVA VERSÃO DA BNCC: ENTRE TENSÕES E DESAFIOS	
Claudia de Souza Lino Claudia de Oliveira Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.63419100713	
CAPÍTULO 14	144
POLÍTICA DE “UNIVERSALIZAÇÃO” DA PRÉ-ESCOLA NA REDE MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE/PB (2014-2016)	
Kilma Wayne Silva de Sousa Melânia Mendonça Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.63419100714	

CAPÍTULO 15	157
POLÍTICAS PÚBLICAS E QUALIDADE NA EDUCAÇÃO DA PRIMEIRA INFÂNCIA: UMA PESQUISA EM DUAS EMEIS DE SANTA MARIA - RS	
Andressa Wiedenhof Marafiga Jucilene Hundertmarck Taciana Camera Segat	
DOI 10.22533/at.ed.63419100715	
CAPÍTULO 16	169
SER CRIANÇA, SER BRINCANTE: REFLEXÕES SOBRE O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Michaelly Calixto dos Santos Priscila Gomes dos Santos Sayarah Carol Mesquita dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.63419100716	
CAPÍTULO 17	179
SOBRE DIVERTIR, EDUCAR E INSTRUIR AS CRIANÇAS: O CASO DA REVISTA <i>VIDA INFANTIL</i> (1947-1951)	
Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.63419100717	
CAPÍTULO 18	193
O EFEITO DAS SESSÕES DE EDUCAÇÃO PARENTAL SOBRE AS PRÁTICAS DOS PAIS/ CUIDADORES RESIDENTES NO DISTRITO DE MATUTUÍNE, PROVÍNCIA DE MAPUTO, TAL COMO PERCEBIDO PELAS PARTICIPANTES E FACILITADORAS	
Lucena Albino Muianga	
DOI 10.22533/at.ed.63419100718	
CAPÍTULO 19	208
“ <i>CRIANÇA NÃO TRABALHA, CRIANÇA DÁ TRABALHO</i> ”: DO CANTO AO DESENCANTO DOS DIREITOS INFANTIS SOB OLHARES DA EDUCAÇÃO FÍSICA	
Maria Cristina Silva Torres Soares Claine Gonçalves Nery	
DOI 10.22533/at.ed.63419100719	
CAPÍTULO 20	217
A EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: DO ONÍRICO AO REAL – POSSIBILIDADES	
Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63419100720	
CAPÍTULO 21	225
CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA REFLEXÃO DO PAPEL DO PROFESSOR: EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Deine Queiroz da Conceição Marcela Silva Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.63419100721	
CAPÍTULO 22	229
CURRÍCULO INTEGRADO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NO PROEJA	
Gilvana Mendes da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.63419100722	

CAPÍTULO 23	242
EDUCAÇÃO E QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA PROPOSTA DO PROJovem URBANO: EMBATES E DESAFIOS	
Marcos Torres Carneiro Maria Aparecida de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.63419100723	
CAPÍTULO 24	247
MARCOS CONCEITUAIS E LEGAIS E OS DILEMAS ENFRENTADOS PELA JUVENTUDE EM BUSCA DE TRABALHO E EDUCAÇÃO	
Yossonale Viana Alves Márcio Adriano de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.63419100724	
CAPÍTULO 25	262
O PROGRAMA BRASIL PROFISSIONALIZADO NO RIO GRANDE DO NORTE: ALGUMAS REFLEXÕES	
Suerda Maria Nogueira do Nascimento José Moisés Nunes da Silva Maria Aparecida dos Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.63419100725	
CAPÍTULO 26	275
CENÁRIOS DO CONTEXTO EDUCACIONAL: GÊNERO, INFÂNCIA E (IN) DISCIPLINA	
Franciéli Artl Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.63419100726	
CAPÍTULO 27	286
DIVERSIDADE DE PÚBLICO E POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Maria Aparecida dos Santos Do Nascimento Sílvia da Aparecida Cavalheiro	
DOI 10.22533/at.ed.63419100727	
CAPÍTULO 28	302
PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS	
Kátia Batista Martins Adriana Cristina de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.63419100728	
CAPÍTULO 29	319
UM MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO CURIOSIDADE CIENTÍFICA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Flávia Simões de Moura Luzia Bueno	
DOI 10.22533/at.ed.63419100729	
SOBRE O ORGANIZADOR	331

FIGUEIREDO PIMENTEL: DO NATURALISMO À BIBLIOTHECA INFANTIL

Soyane da Silva Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ,
Faculdade de Educação
Rio de Janeiro- Rio de Janeiro

Janahina de Oliveira Batista

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- Uerj,
Faculdade de Educação
Rio de Janeiro- Rio de Janeiro

RESUMO: Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) foi um jornalista, cronista, romancista, folhetinista e literato que ficou muito conhecido no final do período oitocentista e no início do novecentos por suas obras naturalistas que eram confundidas com os chamados “romances para homens” ou “romances de sensação” (EL FAR, 2011). Do mesmo modo, por compilar e organizar concomitantemente livros que compunham a Bibliotheca Infantil da Livraria Quaresma & C. O intelectual recebeu diversas críticas destinadas aos seus títulos, que foram publicadas em periódicos de grande circulação da época, como em *O Paiz*, por exemplo. Neste trabalho tem-se por objetivo fazer uma comparação entre críticas que eram publicadas em periódicos nos anos finais do oitocentos e início do novecentos (1893-1910), que eram dirigidas a sua escrita Naturalista, estabelecendo-se um contraponto com as críticas que eram atribuídas aos seus “divertidos

e curiosos livros destinados a fazer passar algumas horas de regalo aos pequeninos” (*O Paiz*, 28/09/1910 p, 2).

PALAVRAS-CHAVE: Alberto Figueiredo Pimentel; Bibliotheca Infantil; Literatura; Naturalismo

ABSTRACT: Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914) was a journalist, chronicler, novelist, pamphleteer and writer who became well known at the end of the nineteenth century and in the early twentieth century for his naturalistic works that were confused with so-called “novels for men” or “sensation novels” (EL FAR, 2011). In the same way, for compiling and organizing concomitantly books that made up the *Bibliotheca Infantil* of *Livraria Quaresma & C.* The intellectual received several critics for his titles, which were published in periodicals of great circulation of the time, as in *O Paiz*, for example. The purpose of this paper is to compare critiques that were published in periodicals in the late nineteenth and early twentieth centuries (1893-1910), which were directed to his writing Naturalist, establishing a counterpoint to the criticisms that were attributed to his “fun and curious books intended to spend a few hours of gift to the little ones” (*O Paiz*, 28/09/1910 p, 2).

KEYWORDS: Alberto Figueiredo Pimentel; Bibliotheca; Literature; Naturalism

1 | INTRODUÇÃO

Os periódicos são um espaço de diálogos e de multiplicidade discursiva, onde é refletida, mesmo que de maneira embrionária, a opinião de vários segmentos da sociedade. Para entendermos o contexto em que se inseriam os jornais do século XIX, é necessário que leiamos o jornal como um todo, pois uma notícia que aparentemente está sem sentido pode ser esclarecida em outro texto divulgado no mesmo jornal (SILVA, apud BARBOSA, 2007).

As primeiras análises críticas feitas no Brasil quase sempre eram escritas por folhetinistas, que se empenhavam em descrever as obras de seus colegas de profissão. De acordo com Ubiratan Machado o costume de folhetinistas comentarem sobre livros recém-lançados prosseguiu até o final do Romantismo, quando houve o surgimento de uma crítica literária no Brasil (SILVA, apud MACHADO 2010, p.278). É importante salientar que a profissionalização da crítica literária nasceu na mesma época em que houve o surgimento da literatura naturalista e o crescimento da imprensa (MENDES, 2008).

As obras de gênero naturalista eram as que mais recebiam críticas em periódicos por conta de sua fama. Esses romances possuíam um estilo narrativo singular. Alguns autores faziam descrições explícitas, outros apenas se referiam a “beijos velados e falas de suspiro” (EL FAR, 2011, p.19). Contudo, por saírem dos padrões estilísticos de boa conduta da época, adquiriram, nos anúncios de jornais, o rótulo de “romances para homens”. Este tipo de leitura, como o próprio nome já elucida, deveria ser proibida para as mulheres daquela época, pois aquelas eram vistas “como pessoas de personalidade frágil, por isso suscetíveis aos encantos da narrativa” (Idem, p.18).

2 | FIGUEIREDO PIMENTEL E O NATURALISMO

Alberto Figueiredo Pimentel, nascido em Macaé (RJ), lançou sua carreira publicando em formato de romance-folhetim *O Artigo 200* no jornal niteroiense *Província do Rio* em 1889 utilizando o pseudônimo Albino Peixoto. O folhetim que fazia referência ao artigo 200 do *Código Criminal do Império*, lei de 16 de dezembro de 1830 que tratava do crime de infanticídio, proibindo o aborto provocado por drogas ou outros meios, era supostamente verídico, pois Figueiredo dizia que era baseado na vida de uma moça que morava em Niterói. A história relatava as vivências de Maricota, uma jovem de dezoito anos que se envolve com o seu primo distante Mário, que veio ao Rio de Janeiro estudar farmacologia e, ao decorrer da trama, ela acaba engravidando do mesmo e morrendo ao ingerir um abortivo preparado por ele. A história foi interrompida antes do término devido aos diversos pedidos dos leitores e do cancelamento de assinaturas. Apenas em 1893 o romance-folhetim naturalista foi completamente publicado com o título *O Aborto* por Pedro da Silva Quaresma (1863-1921), proprietário da Livraria do povo, no Rio de Janeiro, tendo sucesso de vendas

com quase 7.000 exemplares vendidos em apenas três meses (CATHARINA, 2013; EL FAR, 2011; MENDES & VIEIRA, 2014).

Nos anúncios que eram publicados no jornal *O Paiz* sobre a obra *O Aborto* citava-se Zola como referência de literatura naturalista e como base utilizada para a escritura da mesma. Logo Figueiredo Pimentel tornou-se o “Zola da Praia Grande” (MENDES, 2015, p.7), fazendo menção ao francês Émile Zola (1840-1902), idealizador da estética naturalista no campo literário e formulador do romance experimental, com teor científico e materialista. Zola buscava fazer a junção da literatura com as análises científicas, baseando-se nos ideais de ciência de sua época, como, por exemplo, a teoria da evolução de Darwin, tendo por objetivo escrever não apenas mais um romance, mas sim um estudo minucioso do homem e da moral. Ele acreditava que os personagens e enredos deveriam ser pautados em aspectos científicos semelhantes aos utilizados em experiências de laboratório. O homem era reduzido a uma pulsão incontrolável “determinada pelo meio, hereditariedade e pelo momento histórico”. Em seus “romances realistas” eram abordados temas como fome, violência, doença e prostituição como meio de subsistência (CARVALHO, 2011, p.108).

Em vinte e seis de março, de 1893 é publicado um artigo crítico no periódico *O Paiz*, assinado pelo pseudônimo Caliban, fazendo menção ao romance *O Aborto*. O colunista diz que não citaria o título da obra para não ferir a castidade da coluna em que escrevia. Ele diz que “aos que lerem o título parecerá que se trata de uma obra incompleta, saída à luz fora do tempo, sem forma precisa, sem sexo, sem palpitação, sem pés nem cabeça (...). É justamente o contrário. (...) Tem ação, tem cor, tem desenvolvimento, tem alma”. O crítico aponta ainda para a escrita que foi utilizada, dizendo que “há cenas que fariam corar o sol se o astro tivesse a fortuna ou a desgraça de conhecer as letras do alfabeto”. Ele recomenda que aqueles que possuíam “olhos puríssimos e espírito imaculado” não deveriam efetuar este tipo de leitura. Por fim ele conclui dizendo que Figueiredo deveria “depurar-se” e escrever um novo livro com a mesma competência com que escreveu *O Aborto*, só que “mais puro e menos preocupado com o escândalo” (*O Paiz*, 26/03/1893, p.1).

Figueiredo Pimentel era um jovem escritor que não possuía uma carreira literária antes de ingressar nos jornais. Desta forma seus romances possuíam características que se faziam presentes no gênero jornalístico, como o “realismo”, por exemplo, sendo que para muitos escritores renomados de sua época o gênero era visto como uma forma inferior de escrita, devendo estar desta maneira separado da literatura para que não houvesse uma “contaminação” (MENDES & VIEIRA, 2014, p.123).

O segundo romance naturalista de Figueiredo Pimentel intitulado *Um canalha* foi editado pela livraria Laemmert, no Rio de Janeiro, no ano de 1895. A história transcorre em 1880 e narra a vida do advogado mineiro Dr. Guarani Cardoso, desde sua época de faculdade até o seu suicídio. Nesta obra, a partir da análise feita das críticas que eram publicadas a respeito de seus títulos, parece que Figueiredo Pimentel segue o conselho do cronista Caliban, não realizando citações tão explícitas como o fez

em *O Aborto*, rendendo-lhe críticas que foram divulgadas nos periódicos de grande circulação da época.

No dia seis de agosto de 1895 é publicada na primeira página do periódico *A Notícia* uma crítica de Valentim Magalhães endereçada à Figueiredo Pimentel. No artigo, que foi assinado como V. Valentim tece críticas ao livro *Um Canalha* (1895). O articulista faz três observações, dizendo que foi uma decepção. A primeira é referente à capa do livro que continha um globo com a inscrição Ordem e Progresso e a divisa da República Francesa, sendo que o mesmo diz que em toda a obra não houve nenhuma referência política, que para ele foi uma decepção. Na segunda e na terceira observação o colunista refere-se à fama de Figueiredo Pimentel e à perspicácia do personagem principal.

Segunda decepção. Esperava ter de corar frequentes vezes lendo *Um canalha*, atenta a fama adquirida pelo autor com *O aborto*. Pois, senhores, *Um Canalha* é o mais casto, o mais velado, o mais inocente romance do século. Puro como a neve alpina.

Terceira decepção. Contava que o protagonista do livro fosse um canalha de quatro contados, porém interessante, original extraordinário. E sai-me um canalha banal, vulgar, sem imaginação, sem inventiva, sem audácia nem cinismo fora do comum. E' certo que o autor, fazendo-o tal, podia não obstante, torna-lo interessante e curioso, ou por um estudo minucioso da sua psicologia, ou pela flagrância da observação, pelo estudo vivaz da verdade. Nada disso fez, porém (*A notícia*, 06/08/1895, p.1).

A crítica literária principalmente no século XIX e no início do XX possuía o poder de denigrir a imagem do autor, prejudicá-lo ou reerguê-lo, colaborar com aquele que estava sendo avaliado devido às críticas serem veiculadas em jornais, sendo que estes tinham uma forte potência naquele período. Para Machado de Assis, quando uma crítica é bem realizada, ela tem a capacidade de incentivar o surgimento de obras melhores, por estimular, guiar o escritor e corrigir (SILVA, 2014, p.10). De acordo com Marques de Carvalho uma obra que exigiu dedicação e esforço de seu autor não deve ser depreciada esteticamente e literariamente em poucos minutos por uma crítica mal realizada. Ele ainda evidencia que as análises críticas que proferem insultos ao literato não geram nenhum efeito sobre o leitor, pois o crítico perdeu o foco da obra e se empenhou em insultar a imagem do autor, já quando a apreciação é bem realizada, com cautela e equilíbrio, pode causar um bom resultado tanto no leitor, quanto no escritor (Idem, 2014, p.11).

Este tipo de crítica, em que há uma acusação de superficialidade, é uma forma de impostura literária, ocorrendo desta maneira uma elitização da literatura.

3 | O CONCEITO DE INFÂNCIA NOS ANOS FINAIS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX

O século XIX foi marcado por grandes mudanças no que tange à cultura, política, economia e o social. Dentre estas se destaca a consolidação do capitalismo nos países

centrais e nos países periféricos, como o Brasil. Nesse contexto a infância passa a receber novos olhares, pois, entre os anos de 1850 a 1950, tem-se mudanças no que diz respeito ao conceito de infância e ao desenvolvimento das ciências humanas que buscavam através do conhecimento científico a compreensão dessa fase da vida humana.

A noção de infância, agora, passa pelo crivo dos conceitos técnicos e científicos. Essa análise é respaldada e analisada à luz da Psicologia, da Sociologia, da Medicina, dentre outros campos do saber, passando a emitir um parecer científico a respeito dessa fase da vida humana, adquirindo estas constatações uma maior respeitabilidade frente à sociedade (CORDEIRO & COELHO, 2007, p. 885).

É importante salientar que, ainda que os avanços tenham ocorrido, o cotidiano das crianças ainda era estabelecido e norteado pelo mundo dos adultos.

Em meados do século XIX, no Brasil, circulam os primeiros livros de Literatura infanto-juvenil, atendendo as necessidades de uma escrita específica com uma linguagem diferenciada e acessível ao público alvo, tendo por princípio corresponder aos padrões sociais e civilizatórios da época. Os livros importados eram traduzidos e adaptados por autores brasileiros, como Coelho Neto e Olavo Bilac, e vendidos nas livrarias. As editoras investiam em volumes refinados. Portanto tinham um público definido, visto que quem podia apropriar-se desta literatura era a alta sociedade.

Das livrarias que se dedicavam a editar livros para o público jovem brasileiro destacam-se a Livraria Garnier, a Casa Francisco Alves, a Editora Laemmert e a editora Quaresma. Estas ganhavam espaço no mercado editorial carioca que se intensificava visivelmente. Localizavam-se no mesmo quarteirão, na Rua do Ouvidor e adjacentes. Segundo El Far (2004), era um “centro literário” na cidade do Rio de Janeiro onde se reuniam a alta sociedade e os reconhecidos homens das letras.

Conforme Leão, a livraria Garnier foi a editora pioneira na produção de livros para o público infantil brasileiro (2007, p.15). Ela editava obras clássicas europeias que possuíam grande sucesso comercial em seus países natais, como os contos de Charles Perrault e as Aventuras de Robinson Crusóé. Todavia os caminhos da literatura infantil brasileira obtiveram maior avanço a partir dos anos de 1890, quando a editora Quaresma & C., proprietária da Livraria do Povo, inovou criando uma Bibliotheca Infantil com livros de baixo custo econômico, que era dirigida pelo “laureado e popular” escritor Figueiredo Pimentel. Nela poderiam ser encontrados uma série de livros para crianças com um “estilo simples, em linguagem fácil e coerente, sem frases rebuscadas e termos difíceis”, que tinham por objetivo despertar nas “almas juvenis o amor pela pátria, o culto da família, a compaixão pelos desgraçados e o afeto pelos animais”. Os volumes que compunham o acervo eram o: *Teatrinho infantil*, *Álbum das crianças*, *O castigo de um anjo*, *Historias do arco da velha*, *Historias da baratinha*, *Historias da avozinha*, *Contos da carochinha* e *Os meus brinquedos* (*O Paiz*, 15/06/1897, p.7). Esta iniciativa permitiu a estabilização de uma cultura literária para a infância e juventude.

Dada à fama do autor de escritor de “livros de escândalo”, muitos pais ficavam

receosos em adquirir seus exemplares. Desta forma, nas propagandas, os livros infantis eram descritos como os “melhores livros para crianças”, mais “puros” e “virtuosos”, tendo por objetivo amenizar a reputação do escritor. Estes anúncios eram veiculados nos jornais diversas vezes ao mês.

O Aborto, o primeiro romance de Figueiredo Pimentel, fez com que fosse criado ao redor do seu nome literário um cordão vigilante de sanidade moral pelos pais cautelosos, em proveito dos filhos que, no entanto, tem às vezes, em outros livros e jornais, coisas verdadeiramente descabeladas, como se diz no vulgar admitindo que a moral seja entendida como figura de reclame para os tônicos de tocador (*A notícia*, 28/08/1895 p.2).

As coleções editadas pela Quaresma & C. possuíam preço popular e título convidativo, desta maneira tornaram-se sucesso de vendas. Os livros continham ilustrações e gravuras que encantavam crianças e adultos. Seu êxito em suas coleções se dava tanto pelo seu empenho publicitário, pois fazia divulgações de suas obras nos periódicos da época, como no Jornal *O Paiz*, como também pelo seu empreendedorismo. Mas principalmente pela sua dedicação a uma população ignorada e pela sua contribuição para a invenção da literatura infantil nacional que ficou conhecida em todos os cantos do Brasil. De acordo com Leão, “Suas edições eram vendidas nos circos de cavalinhos, nas festas e feiras, nas ruas, nas calçadas” (2007, p. 19).

Em virtude deste cenário, as editoras buscavam novos artifícios de venda, já que o livro barato ganhava um número cada vez maior de adeptos. El Far afirma que se esperava o nascimento de um novo público na cidade do Rio de Janeiro “que passasse a ver o livro não como uma mercadoria de luxo, reservada ao cultivo do saber erudito, mas, também como um produto acessível, destinado à informação, ao passatempo e a curiosidade passageira” (2004, p.3), ou seja, essas editoras queriam expandir o seu número de consumidores.

A editora Garnier e a livraria Quaresma foram das que iniciaram esse processo de popularização da literatura. Segundo El Far, a editora Garnier tinha lançado em 1873 coleções que se “formatava a qualquer bolso que não seja do colete” (2004, p.6). Em contrapartida Pedro da Silva Quaresma foi responsável pela publicação de livros baratos em grandes quantidades naquele período. Assim cria-se um mercado editorial destinado a um novo público.

Quando Alberto Figueiredo Pimentel lança *O Castigo de um anjo*, sexto livro para compor a coleção da *Bibliotheca Infantil* da Livraria do povo da editora Quaresma & C, que foi uma tradução e adaptação para o português de um livro escrito pelo russo Leon Nicolaievitch Tostói (1828-1910), que foi prefaciada pelo mesmo, sai uma nota crítica divulgada no jornal *O Paiz* dizendo que o prefácio ajudou Figueiredo Pimentel a defender-se das acusações que haviam lhe feito, entre outros, por Valentim Magalhães, pois Tostói garantia que os livros para as crianças possuíam boas doutrinas. A nota ainda enfatiza que não havia nenhuma coleção destinada às crianças que se podia comparar, visto que todos poderiam efetuar a leitura independentemente da idade e

aprenderiam sobre “os belos ensinamentos da verdadeira doutrina cristã, a ingênua, a pura, a primitiva moral de Jesus” (*O Paiz*, 08/01/1897, p.2).

Utilizando o pseudônimo Ecila Worms, Júlia Lopes de Almeida tece críticas ao livro *Contos da Carochinha* na coluna A Moda, do jornal *O Paiz*. A cronista diz que tem um menino que sempre lhe pede livros e decidiu comprar-lhe um exemplar. Mas, antes de entregá-lo, efetuou a leitura. Ela diz que em todo o livro poderiam ser encontrados erros, as frases eram “barbaras” e a “linguagem mastigada”, que para ela retirava toda a “graça natural da fantasia”, tornando desta maneira um “livro de deleite em um livro de perversão”. Ela ainda ressalta que “dá-lo a uma criança seria um crime” e que todos os livros que circulavam no Brasil e que eram destinados às crianças poderia ser encontrados o “mesmo relaxamento, a mesma pressa, a mesma improbidade literária” (*O Paiz*, 20/01/1899, p.1). Quando Julia Lopes diz que o livro possuía “linguagem mastigada”, ela estava se referindo ao novo método de escrita que Figueiredo formulou para alcançar as crianças de uma maneira mais simples.

Seis dias após, Figueiredo Pimentel escreve um artigo em sua defesa que também foi veiculado no jornal *O Paiz*. Ele diz que a primeira edição dos *Contos da Carochinha* foi publicada em julho de 1894, em um folheto com apenas 40 histórias para crianças; o sucesso foi tão grande que a edição acabou em vinte dias e a editora Quaresma & C. encomendou mais vinte contos para formar um total de sessenta, que foi publicado meses depois em um volume de 323 páginas. Ele diz que devido o sucesso a obra foi “aumentada, revista, corrigida e refundida” e se encontrava na 12ª edição contendo 400 páginas. Frisa ainda que a edição de cada volume que compunha a *Bibliotheca Infantil* era sempre de 5.000 ou 10.000 exemplares, que havia mais de 80.000 livros para crianças com sua assinatura que se espalhava por todo o Brasil. Ele diz que, desde 1893 até aquele momento, isto é, em seis anos, publicou cinco romances, cinco livros de versos, volumes e folhetos populares, formando um total de 32 obras e que no Rio de Janeiro havia sete editores e ele era editado por seis. Ressalta ainda que trabalhou arduamente, conquistando um nome popular no Brasil sem a ajuda de ninguém. Ele conclui que Julia Lopes de Almeida não “tinha assunto” e quis “aniquilar, destruir” sua reputação literária chamando-lhe de “burro ignorante”, que ela fez esta crítica por “inveja”, pois tinham o mesmo ofício e “pretendia talvez monopolizar a literatura infantil” (*O Paiz*, 26/01/1899, p.3).

Em um artigo de opinião escrito no periódico *O Paiz* assinado por F.V., o colunista faz menção aos romances naturalistas de Alberto Figueiredo Pimentel, que para ele buscavam o escândalo e poderiam não ter aparecido. Já ao referir-se aos contos e histórias infantis publicados pelo livreiro, o colunista diz que são os “títulos de honra” do autor. Ele destaca que se pode dividir a atividade de Figueiredo como escritor e jornalista em três partes distintas. A primeira, a de “literatura exagerada e abusivamente realista, de uma brutalidade e de uma irreverência quase degenerescentes”; a segunda de cronista que dita modas femininas, “desde as meias e os sapatos, (...) até os laçarotes, os decotes e os chapéus” e a terceira o de “singelo e (...) interessante, autor de divertidos

e curiosos livros destinados a fazer passar algumas horas de regalo aos pequeninos contando-lhes, com muita habilidade, historietas que os encantam grandemente”. O crítico diz que não acha “sublime esta literatura para crianças, sem que por isso negue os seus valores e os seus méritos”, por ser uma literatura generalizada e por todos os povos a possuírem. Ele cita nomes como o dos irmãos Grimm, de Coelho Neto e Olavo Bilac, que também escreviam trabalhos do mesmo gênero. Ele finaliza dizendo que aplaude vivamente Figueiredo Pimentel pela publicação de seu novo livro *Os meus brinquedos* editado pela livraria Quaresma & C.

A mim me agrada mais ter essa frívola centena de pequenos contos, jogos, peças teatrais, cantigas e sentenças, como *Dedo Mindinho*, *A cadeirinha* (...), que nos evocam cenas, usos e pessoas dos primeiros anos nossos; a mim me agrada mais (creiam que isso é sincero) do que estes versos revoltantemente indignos” (*O Paiz*, 28/09/1910 p, 2).

Não era apenas este articulista que acreditava que os títulos de Alberto Figueiredo Pimentel destinado às crianças e jovens eram as suas melhores composições, havia outros críticos que também argumentavam que suas obras infantis faziam lhes recordar dos “melhores tempos da vida”.

Figueiredo Pimentel foi um escritor proficiente que conseguiu escrever e traduzir concomitantemente em um curto período livros para compor a Bibliotheca infantil e suas obras naturalistas, como podemos observar no quadro abaixo:

	Romances Naturalistas	Bibliotheca Infantil
1893	O Aborto	-
1894	-	Contos da Carochinha
1895	Um Canalha e Suicida	-
1896	O Terror dos Maridos	Histórias da Avozinha e Histórias da Baratinha
1897	-	Arco da Velha, Os meus Brinquedos, O Castigo de um Anjo, Historias de Fada, Contos do Tio Alberto, Teatrinho Infantil, O Livro das crianças e O Álbum das Crianças.

Fonte: EL FAR 2011; LAJOLO & ZILBERMAN 2007; LEÃO 2003.

Segundo Mendes e Leite haviam escritores dominantes que tinham acesso às melhores livrarias e colunas de jornais e estes com “poder para alavancar ou enterrar carreiras” resultaram no esquecimento e na causa do abandono ao polêmico romance naturalista (2015, p.121). Entretanto, de acordo com Franco Moretti (2000), os leitores são um dos protagonistas na formulação do “elemento canônico da literatura”, no

instante em que ficam encantados com a obra e passam a compartilhá-la com outros leitores.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como salientamos anteriormente, a passagem do século XIX para o XX traz consigo marcos históricos e uma de suas marcas foi o movimento de nacionalização literária brasileira. Figueiredo dedicou-se a uma literatura popular. Fez sucesso com os polêmicos “romances de sensação” e concomitantemente como percussor da literatura infanto-juvenil.

Com a Literatura Naturalista ou os chamados “romances para homens” do tipo *O Aborto* e *Um Canalha*, Figueiredo logrou sucesso comercial, apesar de caros e, portanto para poucos. Em 1893 a primeira edição de *O aborto* vendeu quase sete mil exemplares, entretanto, mesmo com todo reconhecimento do público, Figueiredo Pimentel enfrentou obstáculos no meio literário. Conforme foi citado anteriormente, a crítica literária tem o poder de denigrir ou erguer a carreira de um escritor. Figueiredo concluiu que ser autor de livros Naturalistas não estava beneficiando a sua trajetória profissional. Então, em 1897 decidiu abandonar este gênero.

Diante disso, dedicou-se a compilar histórias extraídas da tradição oral, tendo como pioneira na literatura infantil a obra *Contos da Carochinha*, que pode ser considerada um clássico, pois se trata de um livro que alcançou grande êxito entre o público infantil e adulto, que tinha um cunho moralizador por ser uma ordem vigente da época, mas que se tornara um livro que permeava o social e o familiar.

De tal modo, o livro *Contos da carochinha* é considerado, nos limites deste estudo, uma obra representativa da literatura infantil no Brasil. Até os dias atuais os *Contos da carochinha*, *Histórias da Avozinha*, *Histórias do Arco da velha* e *Histórias da baratinha* são citados como ditados populares. Por um longo tempo essas histórias continuam vivas na memória do povo.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rodrigo Janoni. **Émile Zola e o naturalismo literário**. Revista Urutágua-acadêmica multidisciplinar-DCS/UEM, mai./ago. 2011, p.105-118.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. **De “O artigo 200” a “O aborto”**: trajetória de um romance naturalista. *Letras*, Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, vol. 23, n. 47, jul./dez. 2013, p.37-58.

CORDEIRO, Sandro da Silva & COELHO, Maria das Graças Pinto. **Descortinando o conceito de Infância na História: do passado à contemporaneidade**. 2007, p.882-889.

EL FAR, Alessandra. **A disseminação do livro popular nas últimas duas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro da Silva Quaresma, proprietário da Livraria do Povo**. / *Seminário brasileiro sobre Livros e História editorial*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/alessandraelfar.pdf>>.

El FAR, Alessandra. **Os romances de que o povo gosta o universo das narrativas populares de finais do século XIX**. Floema, *Caderno de Teoria e História Literária*, jul./dez. 2011, p. 11-31. Disponível em <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/781/798>>.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LEÃO, Andrea Borges. **Brasil em imaginação: Livros, impressos e leituras infantis (1890-1915)**. Belo Horizonte: INTERCOM- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP04_leao.pdf>.

LEÃO, Andrea Borges. **Publicar contos de fadas na Velha República: um compromisso com a nação**. São Paulo: Comunicação & Educação, vol.12, n.3, set./dez. 2007, p. 15-22. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37654/40368>>.

MELO, Carlos Augusto de. **As Histórias Literárias do Cônego Fernandes Pinheiro e o Cânone Literário Brasileiro**. *Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários*. Vol.9, 2007, p. 57-68. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol9/9_6.pdf>.

MENDES, Leonardo. **O Romance Republicano: Naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90**. Uberlândia: *Letras & letras*, jul./dez. 2008, p. 189-207. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/viewfile/25403/14117>>.

MENDES, Leonardo. **O Zola da Praia Grande: Figueiredo Pimentel e o Naturalismo**. In: *O Aborto romance de Figueiredo Pimentel*. Rio de Janeiro: 7letras, 2015, p.7-14.

MENDES, Leonardo & VIEIRA, Renata Ferreira. **Naturalismo e banalidade em Um canalha (1895), de Figueiredo Pimentel**. *Navegações*. Porto Alegre, vol.7, n.2, jul./dez. 2014, p.116-124. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/17128/13150>>.

SILVA, Alan Victor Flor da. **O jornal no século XIX: Um espaço de Diálogos Literários**. *Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários*. Vol.28. Dez. 2014, p.8-18. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol28/TRvol28a.pdf>.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

A Notícia. Rio de Janeiro, 06/08/1895, Ed. 00202, p. 1.

A Notícia. Rio de Janeiro, 28/08/1895, p. Ed. 002221.

O Paiz. Rio de Janeiro, 26/03/1893, Ed. 03976, p. 1.

O Paiz. Rio de Janeiro, 08/01/1897, Ed. 04480, p. 2.

O Paiz. Rio de Janeiro, 15/06/1897, Ed. 04638, p. 7.

O Paiz. Rio de Janeiro, 20/01/1899, Ed. 05220, p. 1.

O Paiz. Rio de Janeiro, 26/01/1899, Ed. 05226, p. 3.

O Paiz. Rio de Janeiro, 28/09/1910, Ed. 09489, p. 2.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-463-4

